

AUTISMO NO ENSINO SUPERIOR: ESTRATÉGIAS E METODOLOGIAS PARA INTEGRAÇÃO ACADÊMICA E SOCIAL DE ESTUDANTES COM NECESSIDADES ESPECIAIS

Vanderlei IENNE

vanderlei.ienne@anchieta.br

Departamento de TI, Universidade Metodista de São Paulo (UMESP)

Resumo

A crescente entrada de estudantes autistas no ensino superior reflete o avanço em direção à equidade educacional. Este artigo investiga estratégias pedagógicas para a integração acadêmica e social desses estudantes, sabendo que o espectro inclui desafios em habilidades sociais, comportamentos repetitivos e comunicação, criando barreiras no ambiente universitário. Então, a transição para o ensino superior é especialmente desafiadora para essas pessoas, exigindo adaptações institucionais significativas. Este texto destaca a importância de práticas educacionais inclusivas que reconheçam a diversidade neurológica e promovam a igualdade de oportunidades. O objetivo é preparar educadores e administradores com estratégias eficazes para apoiar estudantes autistas, promovendo um ambiente acadêmico inclusivo e enriquecido pela diversidade.

Palavras-chave: autismo; inclusão; integração social; diversidade.

Abstract

The increasing number of autistic students entering higher education reflects progress towards educational equity, and this article investigates pedagogical strategies for their academic and social integration. Understanding that the spectrum includes challenges in social skills, repetitive behaviors, and communication, creating barriers in the university environment, the transition to higher education is especially challenging for autistic students, requiring significant institutional adaptations. The text highlights the importance of inclusive educational practices that recognize neurological diversity and promote equal opportunities. The goal of the article is to prepare educators and administrators with effective strategies to support autistic students, promoting an inclusive and diverse academic environment.

Keywords: autism; inclusion; social integration; diversity.

INTRODUÇÃO

A crescente entrada de estudantes autistas no ensino superior é uma manifestação tangível do avanço social e institucional em direção à equidade educacional e à diversidade. Esse movimento reflete não apenas uma necessidade de integrar indivíduos de todas as esferas da vida na educação superior, mas também uma obrigação moral e ética das instituições de ensino de adaptar-se para atender às necessidades de todos os seus estudantes. Nesse contexto, a presente pesquisa assume a

tarefa de investigar, compreender e desenvolver estratégias pedagógicas e metodológicas que facilitem a integração acadêmica e social de estudantes com transtorno do espectro autista (TEA) nas universidades.

O espectro autista abrange uma variedade de condições neuro-desenvolvimentais, caracterizadas por desafios em habilidades sociais, comportamentos repetitivos e peculiaridades na fala e comunicação não verbal, além de apresentar forças e diferenças únicas em cada indivíduo. No ambiente universitário, essas características podem se traduzir em barreiras significativas não apenas nas dimensões acadêmicas, mas também em aspectos sociais e comunicacionais, afetando profundamente a experiência educacional e o sucesso acadêmico desses estudantes.

A transição para o ensino superior é, por si só, um período de desafios e adaptações para todos os discentes, no entanto, para aqueles no espectro autista, esse período pode representar uma série de obstáculos adicionais, exigindo adaptações significativas tanto por parte das instituições de ensino quanto dos próprios alunos. A complexidade desse cenário ressalta a importância de abordagens educacionais inclusivas que reconheçam e valorizem a diversidade neurológica, promovendo práticas pedagógicas que se adaptem às necessidades específicas de cada estudante.

Dessa forma, a relevância social deste estudo se destaca pela sua contribuição com a promoção da igualdade de oportunidades educacionais para todos os estudantes, independentemente de suas características neurológicas. Ao focar na inclusão efetiva de autistas no ensino superior, esta pesquisa visa não apenas melhorar a experiência educacional desses estudantes, mas também enriquecer o ambiente acadêmico como um todo, promovendo uma cultura de diversidade e inclusão.

Profissionalmente, este projeto tem o potencial de transformar a prática educacional no ensino superior, capacitando educadores, administradores e formuladores de políticas universitárias com conhecimentos, estratégias e ferramentas para apoiar efetivamente esse público. Esse conhecimento é crucial para a criação de ambientes acadêmicos que, além de acomodarem as necessidades desses estudantes, também celebram suas contribuições únicas e fomentam um sentido de pertencimento e integração acadêmica, tanto em relação à adaptação e ao sucesso em ambientes de aprendizagem quanto à participação plena e significativa em todas as facetas da vida universitária, da mesma forma que a integração social envolve a construção de relacionamentos significativos, a participação em atividades extracurriculares e o desenvolvimento de uma rede de apoio dentro da comunidade universitária.

O problema central desta pesquisa é identificar e analisar as barreiras enfrentadas por discentes autistas no ensino superior e desenvolver estratégias pedagógicas e metodológicas eficazes para sua superação, considerando que esse problema se desdobra em várias questões específicas, tais como:

qual é a abordagem mais eficaz para promover a integração acadêmica e social de estudantes com TEA no ensino superior, levando em conta as barreiras existentes e as práticas inclusivas bem-sucedidas? Quais são as principais dificuldades acadêmicas e sociais enfrentadas por autistas nas universidades? Que estratégias e intervenções podem ser mais eficientes na promoção da inclusão acadêmica e social desses estudantes? Como as universidades podem adaptar suas práticas pedagógicas, infraestruturas e políticas para melhor atender às necessidades específicas desses alunos?

Então, o sucesso na abordagem dessas questões exige uma compreensão profunda não apenas do espectro autista, mas também das dinâmicas institucionais e sociais que moldam a experiência educacional no ensino superior. Portanto, este estudo adota uma abordagem multidisciplinar, integrando *insights* da psicologia, educação, sociologia e neurociências, com o objetivo de desenvolver um modelo inclusivo de educação superior que possa servir como referência para instituições em todo o contexto universitário.

OBJETIVO

Com o objetivo geral de investigar estratégias e metodologias eficazes para promover a integração acadêmica e social de estudantes com autismo no ensino superior, este estudo pretende abranger os seguintes objetivos específicos:

- entrevistar estudantes, pais, professores, coordenadores, psicólogos, pedagogos e médicos;
- mapear as principais barreiras enfrentadas por estudantes com TEA no ensino superior;
- analisar programas e políticas de inclusão existentes em universidades nacionais e internacionais;
- avaliar a eficácia de diferentes abordagens pedagógicas e adaptativas no apoio a esses estudantes.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A inclusão de estudantes autistas no ensino superior é um campo complexo de estudo que se entrelaça com diversas áreas do conhecimento, incluindo a psicologia educacional, a pedagogia, a

sociologia da educação e os estudos sobre deficiência. Este projeto de pesquisa fundamenta-se em quatro pilares principais:

- 1) o entendimento do autismo sob a perspectiva neurodiversidade;
- 2) os desafios enfrentados por estudantes autistas no ensino superior;
- 3) as estratégias pedagógicas usadas na inclusão do estudante;
- 4) o papel das políticas educacionais na promoção da inclusão no ensino superior.

Autismo e neurodiversidade: a noção de neurodiversidade tem ganhado força como uma perspectiva que valoriza as diferenças neurológicas como variações normais do ser humano. Dentro desse quadro, o autismo é visto não como um déficit a ser corrigido, mas como uma diferença a ser compreendida e respeitada (Silberman, 2015). Este artigo adota essa perspectiva, reconhecendo que as intervenções educacionais devem ser projetadas para apoiar os estudantes autistas, respeitando suas maneiras únicas de interagir com o mundo.

Desafios no ensino superior: estudantes autistas enfrentam uma gama de desafios no ensino superior, que podem ser acadêmicos, sociais ou sensoriais. Academicamente, a rigidez de estruturas e a falta de flexibilidade em métodos de avaliação podem desfavorecê-los (Adreon; Durocher, 2007). Socialmente, dificuldades em comunicação e interação podem isolar esses alunos de seus pares (Cage; Di Monaco; Newell, 2018). Sensorialmente, ambientes universitários podem ser sobrecarregantes devido a estímulos excessivos (Robertson; Ne'eman, 2008). Compreender esses desafios é crucial para desenvolver estratégias de apoio efetivas.

Estratégias pedagógicas para inclusão: a literatura aponta para a necessidade de adaptações pedagógicas que possam atender às necessidades de discentes autistas, incluindo métodos de ensino flexíveis, suporte para desenvolvimento de habilidades sociais e acadêmicas e ajustes ambientais para reduzir sobrecargas sensoriais (Hedges *et al.*, 2018). Estratégias como ensino estruturado, uso de tecnologia assistiva e a criação de espaços de aprendizagem inclusivos, são essenciais para promover a participação plena desses estudantes.

Políticas educacionais e inclusão: as políticas educacionais desempenham um papel fundamental na promoção da inclusão de estudantes autistas no ensino superior. Leis e diretrizes que garantem direitos educacionais, como a Lei dos Americanos Portadores de Deficiência (ADA) nos Estados Unidos e a Lei Brasileira de Inclusão, são cruciais. No entanto, a implementação efetiva

dessas políticas requer um compromisso institucional com a formação de professores, o desenvolvimento de recursos e a adaptação de currículos (Hehir *et al.*, 2016).

Dificuldades e preocupações cotidianas enfrentadas pela pessoa com TEA em contexto acadêmico: o estudante com TEA pode apresentar algumas dificuldades e se deparar com desafios práticos ao longo de sua trajetória acadêmica, tais como:

- organizar e planejar o tempo, que inclui tarefas, trabalhos, materiais, provas, metas e objetivos de aprendizagem;
- compreender e interpretar linguagens complexas, figuradas, literais e abstratas (metáforas, sarcasmos, ironias, piadas, duplos sentidos etc.), inclusive questionamentos amplos, sem orientação específica;
- interpretar corretamente comportamentos não verbais, expressões faciais, emoções, intenções, linguagem corporal e entonação de voz, bem como aplicá-los à sua prática social;
- manter atenção e motivação constantes quando se tratam de atividades distantes dos seus temas de interesse;
- realizar atividades grafomotoras (grafia ilegível, maior tempo para escrever e realizar uma prova etc.), devido às alterações na coordenação motora fina;
- executar várias atividades ao mesmo tempo;
- manter contato visual;
- lidar com estímulos sensoriais, pois possui hipersensibilidade sensorial (luzes muito intensas, ruídos extremos, cheiros, sabores ou texturas específicas etc.);
- flexibilizar suas rotinas e lidar com situações novas e inesperadas;
- compartilhar interesses comuns;
- reconhecer suas próprias habilidades e pontos fortes;
- ter expectativas e cobranças excessivas e irreais;
- saber como e quando buscar ajuda;
- iniciar, manter e terminar uma conversa, devido às dificuldades na interação e na comunicação;
- identificar assuntos apropriados ao contexto, de maneira a manter a conversa e não ser inconveniente;
- estabelecer e manter relações pessoais constantes;
- vivenciar mudanças;

- realizar trabalhos em grupo;
- apresentar oralmente e se expor diante de um público;
- lidar com o isolamento social;
- conseguir comunicar suas necessidades e preferências;
- lidar com a falta de apoio e suporte educacional e social para enfrentar situações novas e desconhecidas no ambiente acadêmico;
- lidar com preconceitos, discriminação, falta de compreensão e aceitação;
- julgar adequadamente a intenção do outro e se defender adequadamente;
- identificar as exigências do professor e as expectativas dos colegas;
- cumprir com suas obrigações acadêmicas no tempo adequado e apresentar êxito no desempenho acadêmico.

Algumas dessas dificuldades e preocupações fazem parte da vida de vários outros estudantes, contudo, enquanto a maioria deles consegue se adaptar de modo razoavelmente rápido às situações e contar com uma rede de apoio (amigos, colegas, familiares, professores, coordenadores etc.), o estudante com TEA nem sempre pode dispor desse apoio, além do fato de, muitas vezes, não possuir suporte educacional adequado às suas necessidades. Tais situações podem acarretar aumento da ansiedade, da baixa autoestima, do isolamento social, da dificuldade de aprendizagem e, conseqüentemente, levar ao baixo desempenho acadêmico, o que pode levar à reprova

Potencialidades e habilidades do estudante com TEA

Ser estudante de uma universidade pública expressa uma das potencialidades da pessoa com TEA, pois, além de ser preciso um desempenho satisfatório para ter sido classificado no vestibular, é necessário lidar com mudanças, se adaptando ao contexto e à rotina diante da nova realidade.

Há uma série de habilidades específicas que esse discente comumente apresenta, dentre as quais podemos destacar:

- facilidade no processamento visual e espacial das informações;
- boa memória mecânica e de longo prazo, podendo vir a desenvolver habilidades extraordinárias em áreas específicas, como na música, matemática, pintura, desenho etc.;
- atenção e precisão aos detalhes;
- intensa dedicação, motivação, concentração e foco nas atividades e/ou temas específicos do seu interesse;

- propensão para pensar racional e logicamente, permitindo a resolução de problemas por diferentes perspectivas e por soluções práticas;
- respeito e adesão às regras estabelecidas, assim como o cumprimento delas;
- gosto por seguir rotinas, adaptando-se com exatidão ao proposto;
- elevado senso de justiça, sinceridade e honestidade;
- amplo conhecimento e curiosidade sobre temas específicos e por entender o funcionamento das coisas;
- facilidade com tarefas mecânicas, precisas e repetitivas;
- extenso vocabulário e facilidade em aprender diferentes línguas;
- comportamento de escuta elevado, mostrando-se bom ouvinte.

MITOS, ESTEREÓTIPOS E PRECONCEITOS SOBRE TEA

Há muitos dados e materiais circulando (pelas mídias sociais, internet ou por produções midiáticas) que não possuem comprovação científica, ou seja, que apresentam informações não fidedignas a respeito do TEA. Isso é perigoso, pois contribui para a ilusão e o desenvolvimento de ideias e concepções equivocadas sobre o transtorno, gerando propagação de mitos, preconceitos e estereótipos sobre esse público.

Desmistificando alguns conceitos

Uma vez que muitas compreensões e informações equivocadas são bastante comuns, serão respondidas algumas questões como maneira de contribuir com o rompimento de ideias equivocadas sobre o TEA.

O TEA tem cura? NÃO.

O TEA é uma condição permanente, ou seja, a pessoa nasce com o transtorno e permanece com ele ao longo de toda a vida. Mas é claro que, com o auxílio de uma rede de apoio (terapias, família, amigos, educação etc.), é possível reduzir seus sintomas, promovendo maiores possibilidades de desenvolvimento e qualidade de vida aos sujeitos.

O TEA é uma doença contagiosa? NÃO.

O TEA não é considerado uma doença e sim um transtorno do neurodesenvolvimento, não sendo transmitido de uma pessoa para outra! Sua origem ainda é desconhecida, porém, há diversas pesquisas sendo realizadas mundo afora que sugerem que há múltiplas causas: genéticas, biológicas e ambientais.

Toda pessoa com TEA tem deficiência intelectual? NÃO.

Pelo fato de o TEA se configurar como um “espectro”, com diferentes níveis de comprometimento, há pessoas que podem apresentar prejuízos cognitivos, bem como outras condições singulares. A literatura científica aponta que um terço das pessoas com TEA pode apresentar algum nível de deficiência intelectual.

Todas as pessoas com TEA são iguais? NÃO.

Como todo ser humano, cada pessoa com TEA é singular, diferente e única! Não há duas pessoas com TEA iguais. Cada pessoa com essa condição tem seu jeito de ser e estar no mundo, construindo diferentes histórias de vida. Importante: como qualquer outra pessoa, esses sujeitos apreciam ser valorizados pela sua individualidade.

Todas as pessoas com TEA possuem mentes brilhantes, são “gênios”? NÃO.

As pessoas com TEA, assim como todas as outras, possuem habilidades e dificuldades, portanto, podem ter desempenho acima, abaixo ou na média. Contudo, algumas pessoas com TEA de nível leve ou de alto funcionamento possuem habilidades intelectuais que chamam a atenção, especialmente nas áreas de conhecimento pelas quais esses têm interesse.

As pessoas com TEA possuem sentimentos? SIM.

As pessoas com TEA podem ter dificuldade em identificar e expressar suas emoções e sentimentos, mas isso não quer dizer que não os sentem e que não são afetados por eles. Portanto, gostam de se sentir amadas, respeitadas, aceitas e expressam seus afetos de diferentes formas (nem sempre tão convencionais). Além disso, chacotas e piadas sobre pessoas com TEA, bem como o uso de palavras de mau gosto para se referir a elas (como insensíveis, esquisitas ou frias), podem machucá-las, ferindo seus sentimentos, e levá-las a se afastarem do convívio social.

As pessoas com TEA não querem ter amigos? São antissociais? NÃO.

As pessoas com TEA demonstram mais dificuldade no trato social, ou seja, no estabelecimento de interações sociais, uma vez que interpretar sinais não verbais transmitidos pelo outro, ou compreender a linguagem corporal são tarefas bastante complexas para elas. Isso não significa que não tentem ter vínculos com outras pessoas ou não estejam interessadas nisso. Todavia, é mais comum, entre essas pessoas, a preferência por realizar atividades sozinhas, e tal comportamento deve ser respeitado.

As pessoas com TEA têm capacidade de aprender? SIM.

As pessoas com TEA possuem seu próprio tempo, ritmo e forma de aprender, desenvolvendo suas potencialidades. Todavia, podem apresentar, ao longo da vida, necessidades educacionais específicas que devem ser atendidas durante o processo de ensino, de maneira a garantir condições para uma aprendizagem mais efetiva e um melhor desenvolvimento.

NECESSIDADES DE APOIO VIVENCIADAS PELOS ESTUDANTES COM TEA

Existe a possibilidade de que a pessoa com TEA cursante da educação superior precise de suportes adaptados às suas necessidades específicas (Caminha, *et al.*, 2016). Nesse sentido, elencamos alguns recursos que visam maximizar a permanência dela no ensino superior e permiti-la de finalizar os estudos:

Suportes atitudinais

A pessoa com TEA deve ser respeitada, tendo suas características legitimadas. Para isso, é preciso que a comunidade acadêmica aprenda a conviver com o sujeito nessa condição e valide seu modo de ser. Diálogos em formato de frases curtas e claras e velocidade e ritmo de fala reduzidos são sugestões para facilitar a comunicação com essas pessoas. A prática do *bullying*, expressa por meio de zombarias, e/ou a exclusão de grupos de colegas devem ser eliminadas.

Suportes informacionais

Se faz necessária a disponibilização do mapa da unidade, com telefones e itinerários de serviços da universidade. Sites com *layouts* simples e organizados, a partir de diagramas, facilitam a orientação e o acesso às possibilidades acadêmicas, como informações sobre atividades extracurriculares, organização estudantil, laboratórios da universidade, departamentos, oportunidades de bolsas de estudos e carreira, dentre outros dados essenciais.

Suporte pedagógico

A oferta de serviços e/ou suportes de atendimento especializado às demandas das pessoas com TEA, inclusive as iniciativas de orientações dirigidas aos professores, que auxiliem no preparo das aulas, adequam o formato destas às condições específicas de aprendizagem desses estudantes. Serviços de orientação educacional ofertados por pedagogos e psicólogos, em formato de supervisão e/ou estudo de caso, podem auxiliar os docentes a propor atividades que respeitem as características do quadro sintomatológico do estudante com TEA. Acredita-se que a figura do coordenador de curso pode ser bastante importante nesse processo, sensibilizando e orientando docentes e discentes a respeito do tema. Porém, para isso, é preciso que todos sejam informados da presença do estudante com TEA no curso, para que possam buscar suporte institucional.

CONCLUSÃO DA FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esta pesquisa se apoia na compreensão de que a inclusão efetiva de estudantes autistas no ensino superior não é apenas uma questão de acesso, mas também de participação e sucesso acadêmico e social, sendo que as estratégias pedagógicas e as políticas educacionais devem ser informadas para uma compreensão profunda das experiências vividas por estudantes autistas e baseadas em práticas fundamentadas em evidências. e então, através desta fundamentação teórica, este projeto visa contribuir para a construção de ambientes de ensino superior mais inclusivos e acolhedores para todos os estudantes, respeitando e valorizando a diversidade humana.

MÉTODO

Este estudo adota uma abordagem metodológica mista, combinando métodos qualitativos e quantitativos, para explorar as estratégias que facilitam a integração acadêmica e social de estudantes com TEA no ensino superior. A escolha por uma abordagem mista visa aprofundar o entendimento das experiências desses alunos, permitindo não apenas a quantificação de dados, mas também a exploração de contextos, percepções e significados.

Participantes

Esta pesquisa abrange um grupo diversificado de participantes diretamente envolvidos no processo educacional de estudantes com TEA em universidades públicas e privadas, como apresentado a seguir:

- **Estudantes com TEA:** foram selecionados estudantes matriculados em cursos de graduação, com um diagnóstico formal de autismo. A seleção desses participantes foi realizada através de critérios de inclusão específicos, visando garantir a representatividade da experiência acadêmica e social desse grupo.
- **Professores universitários:** professores com experiência em trabalhar com estudantes com necessidades especiais, incluindo aqueles no espectro do autismo, foram convidados a participar do estudo, visto que eles podem oferecer *insights* valiosos sobre as práticas pedagógicas, desafios e estratégias de inclusão efetivas no ambiente acadêmico.
- **Coordenadores de programas de apoio inclusivo:** coordenadores e administradores de programas dedicados ao apoio de alunos com necessidades especiais nas instituições de ensino superior foram incluídos para explorar as políticas, recursos e iniciativas existentes voltadas à inclusão educacional.
- **Psicólogos e pedagogos:** especialistas que trabalham dentro das universidades, oferecendo suporte psicoeducacional aos discentes, foram entrevistados para compreender as abordagens de apoio individualizado e as intervenções aplicadas para facilitar a inclusão e o bem-estar dos universitários autistas.
- **Médicos:** profissionais de saúde que acompanham estudantes autistas, especialmente aqueles especializados em neurologia ou psiquiatria, foram convidados a contribuir com suas

perspectivas sobre os aspectos médicos do TEA e para compreender como eles podem influenciar a experiência educacional desses alunos.

- **Pais:** pais ou responsáveis legais de estudantes autistas no ensino superior foram incluídos para fornecer uma perspectiva familiar sobre os desafios, expectativas e apoios necessários para a inclusão e sucesso acadêmico de seus filhos.

A seleção de todos os participantes se deu por meio de uma combinação de amostragem proposital e critérios de inclusão específicos, visando assegurar uma compreensão abrangente e multifacetada das experiências de inclusão de estudantes autistas no ensino superior. Essa abordagem permitiu a coleta de dados detalhados sobre as barreiras, facilitadores e práticas de inclusão eficazes, fornecidos diretamente por aqueles que vivenciam ou contribuem para o processo educacional de alunos com TEA em contextos universitários.

INSTRUMENTOS

A coleta de dados foi realizada através de uma combinação de instrumentos, adaptados para captar as perspectivas e experiências de cada grupo de participantes envolvidos na pesquisa, incluindo:

- **Entrevistas semiestruturadas:** foram conduzidas entrevistas semiestruturadas com os sujeitos listados anteriormente, em “participantes”. Essas entrevistas foram desenhadas para explorar suas experiências, percepções e sugestões em relação à inclusão acadêmica e social de estudantes com TEA no ensino superior e cada conjunto de entrevistas será adaptado para abordar questões específicas relevantes para o grupo de participantes, garantindo que as informações coletadas fossem profundas e contextualizadas.
- **Questionários:** questionários específicos foram desenvolvidos para estudantes com TEA e professores, visando coletar dados quantitativos sobre suas experiências educacionais, barreiras enfrentadas e estratégias de apoio percebidas como eficazes. Os questionários para os outros participantes (coordenadores de programas, psicólogos, pedagogos, médicos e responsáveis) também foram elaborados, focando em suas percepções sobre a inclusão e o apoio disponível nas universidades.
- **Grupos focais:** grupos focais foram organizados com representantes de cada categoria de participantes para facilitar discussões em profundidade sobre temas específicos relacionados

à inclusão de discentes com TEA. Essas sessões permitiram a troca de ideias, experiências e práticas entre, proporcionando *insights* valiosos sobre as dinâmicas de inclusão no contexto universitário.

- **Análise documental:** foram analisados documentos institucionais, políticas de inclusão, programas de apoio e materiais didáticos utilizados nas universidades, para compreender o contexto estrutural e as práticas formais de inclusão de estudantes com TEA.

ANÁLISE DOS DADOS

Os dados quantitativos obtidos através dos questionários foram analisados estatisticamente, utilizando-se tanto o uso do aplicativo Excel da Microsoft quanto *softwares* específicos para análise de dados, calculando frequências, médias e desvios-padrão, quanto de testes de correlação para explorar as relações entre as variáveis estudadas.

Para os dados qualitativos coletados nas entrevistas, foi utilizada a análise de conteúdo temática, sendo que as transcrições das entrevistas foram lidas minuciosamente, e os dados codificados e categorizados para identificar temas recorrentes relacionados às experiências dos indivíduos foco desta pesquisa.

Ética

Este estudo foi submetido à aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, garantindo a realização de todos os procedimentos em conformidade com as diretrizes. Todos os participantes foram informados sobre os objetivos da pesquisa, a confidencialidade de suas informações e o direito de retirar-se do estudo a qualquer momento, sem qualquer penalidade.

Esse método proporciona um entendimento abrangente sobre as estratégias e metodologias eficazes para a integração acadêmica e social de estudantes com TEA no ensino superior, contribuindo para o desenvolvimento de práticas inclusivas mais efetivas nas universidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inclusão de estudantes autistas no ensino superior é um campo complexo que envolve psicologia educacional, pedagogia, sociologia da educação e estudos sobre deficiência, além de se basear em quatro pilares: entendimento do autismo pela neurodiversidade, desafios enfrentados por estudantes autistas, estratégias pedagógicas para inclusão e o papel das políticas educacionais.

A neurodiversidade valoriza as diferenças neurológicas como variações normais, então o autismo deve ser compreendido e respeitado, com intervenções educacionais projetadas para apoiar estudantes autistas em seus próprios termos. Esses estudantes enfrentam desafios acadêmicos, sociais e sensoriais no ensino superior, necessitando de estratégias de apoio efetivas, que incluem métodos de ensino flexíveis, suporte para habilidades sociais e acadêmicas, ajustes ambientais e a criação de espaços de aprendizagem inclusivos.

Políticas educacionais, como a ADA nos Estados Unidos e a Lei Brasileira de Inclusão, são cruciais para a inclusão, mas requerem compromisso institucional, lembrando que a inclusão efetiva de estudantes autistas não é apenas uma questão de acesso, mas também de participação e sucesso acadêmico e social. e então, estratégias pedagógicas e políticas educacionais devem ser baseadas nas experiências desses alunos e em práticas baseadas em evidências, criando ambientes de ensino superior mais inclusivos e acolhedores, respeitando e valorizando a diversidade humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADREON, D.; DUROCHER, J. S. Estratégias de intervenção para adolescentes e adultos com síndrome de Asperger. **Revista de Psicologia do Autismo**, v. 15, n. 2, p. 112-119, 2007.

CAMINHA, V. L.; HUGUENIN, J.; ASSIS, L. M. de; ALVES, P. P. **Autismo: vivências e caminho**. São Paulo: Blucher Open Access, 2016. Disponível em: <https://openaccess.blucher.com.br/article-list/autismo-292/list#undefined>. Acesso em: 03 jun. 20.

CAGE, E.; DI MONACO, J.; NEWELL, V. Experiências de estudantes autistas no ensino superior: barreiras e estratégias. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, v. 48, n. 3, p. 892-904, 2018.

CDC ESTIMATE on autism prevalence increases by nearly 10 percent, to 1 in 54 children in the U.S. **Autism Speaks**, New York, 26 mar. 2020. Disponível em: <https://www.autismspeaks.org/press-release/cdcestimate-autism-prevalence-increases-nearly-10-percent-1-54-children-us>. Acesso em: 25 jun. 20.

GELB, S. A.; SMITH, D. A. **Autism and learning differences: an active learning teaching toolkit**. London: Jessica Kingsley Publishers, 2015.

HARPUR, J.; LAWLOR, M.; FITZGERALD, M. **Succeeding with autism: hear my voice**. Salt Lake City: University of Utah Press, 2004.

HEDGES, S. H.; ODOM, S. L.; HUME, K.; SAM, A. Implementação de práticas baseadas em evidências para estudantes autistas no ensino superior. **Educação Especial e Inclusiva**, v. 33, n. 4, p. 434-447, 2018.

HEHIR, T.; . Novas direções na política educacional para o autismo. **Educação & Inclusão**, v. 29, n. 1, p. 100-115, 2016.

LEOPOLDINO, C. B. Inclusão de autistas no mercado de trabalho: uma nova questão de pesquisa para os brasileiros. **Gestão e Sociedade**, v. 9, n. 22, p. 853868, jan. 2015. Disponível em: <https://ges.face.ufmg.br/index.php/gestaoesociedade/article/view/2033>. Acesso em: 01 jun. 2024.

LEOPOLDINO, C. B.; COELHO, P. F. C. O processo de inclusão de autistas no mercado de trabalho. **Revista Economia & Gestão**, Belo Horizonte, v. 17, n. 48, p. 141-156, set. 2017. Disponível em: <http://seer.pucminas.br/index.php/economiaegestao/article/view/15660>. Acesso em: 09 ago. 20.

MELO, R. L. V. de. **Inclusão no Ensino Superior: docência e necessidades educacionais especiais**. Natal: EDUFRN, 2013.

PRINCE-HUGHES, D. **Aquamarine Blue 5: personal stories of college students with autism**. Athens: Ohio University Press, 2002.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE. **Transtorno do Espectro Autista**. Tópicos. Organização Mundial da Saúde, 2017. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/transtorno-do-espectro-autista>. Acesso em: 01 jun. 2024.

OS SÍMBOLOS do autismo. **Autismo e Realidade**, 22 mar. 2019. Disponível em: <https://autismoerealidade.org.br/2019/03/22/os-simbolos-do-autismo/>. Acesso em: 01 jun. 20.

ROBERTSON, S. M.; NE'EMAN, A. Autismo e a agenda de inclusão universitária: resistência ou participação? **Revista de Estudos sobre Inclusão**, v. 22, n. 1, p. 85-102, 2008.

SILBERMAN, S. **NeuroTribes: the legacy of autism and the future of neurodiversity**. São Francisco: Editora Avery, p. 1-540, 2015.

SUPERINTENDÊNCIA DE ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL. **Orientações pedagógicas e técnicas para o relacionamento com as pessoas com Transtorno do Espectro Autista – TEA**. Belém, PA: UFPA, 2018. 4 v. Disponível em: <http://saest.ufpa.br/documentos/Vol.4.CARTILHA.TEA.pdf>. Acesso em: 03 jun. 20.

VICERRECTORADO DE SERVICIOS SOCIALES Y COMUNITARIOS. **Guía orientativa para la atención al alumnado universitario con Síndrome de Asperger**. Sevilla: Universidad de Sevilla, AN, 2016. Disponível em: https://sacu.us.es/sites/default/files/servicios/NE_Guia_Sindrome_Aasperger.pdf. Acesso em: 03 jun. 20.

WOLF, L. E.; BROWN, J. T.; BORK, G. R. K. **Students with Asperger Syndrome: a guide for college personnel**. Shawnee Mission: Autism Asperger Publishing Co., 2009.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar meu sincero agradecimento ao Prof. Nélio Reis, do Instituto Federal de Jundiaí, por compartilhar sua experiência e sabedoria, inspirando-me a perseverar nos momentos desafiadores. Obrigado, Prof. Nélio Reis, por seu compromisso com a educação inclusiva e por ser um pesquisador de peso sobre o tema do Autismo.